

Como viver a homossexualidade antes e depois da descriminalização de 1982

●●● A descriminalização da homossexualidade em Portugal só aconteceu em Portugal em 1982 e por isso as pessoas LGBTQI+ com mais de 60 anos passaram por momentos “particularmente desafiantes”. Muitas enfrentam hoje solidão e discriminação ou vêm-se obrigadas a regressar a “um armário”. Foram questões debatidas nos dois últimos dias no primeiro fórum sobre o tema, a decorrer em Coimbra.

Trata-se do primeiro Fórum Internacional sobre envelhecimento LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexuais), organizado pelo Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra. A coordenadora dos trabalhos explicou que nasce da constatação de que é necessário promover uma reflexão mais alargada.

“Tempos desafiantes” para os sexagenários

Ana Cristina Santos apontou que o objetivo é ir além da discussão de questões, como a saúde ou o envelhecimento ativo, “olhando para os silêncios”, tendo como ponto de partida que as pessoas LGBTQI+, que hoje têm mais de 60 anos, “ao longo da sua vida, atravessaram

tempos particularmente desafiantes”.

Em declarações à Lusa, deu como exemplos a descriminalização da homossexualidade, que em Portugal aconteceu só em 1982, oito anos depois do 25 de Abril, ou o “estigma da chamada crise da SIDA”.

Agora há enquadramento jurídico

“Estas pessoas chegaram ao século XXI em contextos em que finalmente há um enquadramento jurídico que permite a proteção de direitos, mas isso não significa que este setor da população se sinta visível ou ouvido naquelas que são as suas expectativas, enquanto pessoas mais velhas”, salientou a responsável.

Admitiu que há questões comuns e transversais, mas apontou que “há também especificidades que muitas vezes passam ao lado”, exatamente porque quando se fala de velhice subentende-se que os problemas são iguais para todos.

No que às pessoas LGBTQI+ diz respeito, a responsável do encontro lembrou que são pessoas que, muitas vezes, não têm laços familiares ou uma rede informal de apoio, “justamente por via da discriminação”, porque “viram os seus



Fórum Internacional decorreu na Faculdade de Letras de Coimbra

“Envelhecimento não faz desaparecer orientação sexual”

Alertas em guia dirigido aos cuidadores

●●● A ideia de que as pessoas mais velhas não são sexualmente ativas ou são todas heterossexuais é um mito, sendo importante respeitar o género e nome escolhido e criar espaços acolhedores, seja nos serviços de saúde ou em lares.

Estas e outras recomendações fazem parte de

um guia para profissionais de saúde e cuidadores sobre envelhecimento de pessoas LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo), que foi apresentado ontem em Coimbra, no mesmo dia em que se assinala o Dia Internacional das Pessoas Idosas e o Dia Nacional do Idoso.

O guia salienta que “existem muitos preconceitos acerca das pessoas mais velhas, especialmente no que diz respeito à sexualidade, orientação sexual e identidade de género”.

“É crucial garantir que a privacidade e o respeito das informações confidenciais sejam mantidas”, recomenda.

laços familiares, biológicos, cortados a partir do momento em que se assumiram”.

Por outro lado, referiu, quando estas pessoas eram mais jovens, o casamento entre pessoas do mesmo sexo não estava garantido, nem a parentalidade, o que explica que muitas não tenham filhos e, por isso, “a solidão [seja] agravada”.

“Quando estas pessoas chegam a uma situação em que precisam de recorrer a uma instituição, em que se sentem particularmente vulneráveis, os relatos que temos é que muitas vezes regressam a um armário”, denunciou.

Instituições insensíveis à homossexualidade

Ana Cristina Santos explicou que “há o pressuposto de que aquela pessoa, aquele utente, é heterossexual” e que “em muitas das situações, as pessoas não sentem coragem para enfrentar esse peso, essa expectativa social”.

“Isso é uma violência psicológica que é agravada nestes casos e que tem consequências sobre o seu bem-estar”, defendeu.

A isto soma-se o facto de os profissionais das áreas da gerontologia ou geriatria não terem formação sobre estas matérias.

| António Rosado